

Genética neoliberal, cultura e altruísmo

A antropóloga Susan McKinnon, em seu livro *Neo-liberal Genetics: They Myths and Moral Tales of Evolutionary Genetics*, com publicação original datada em 2006 e publicado em português sob o título “Genética Neoliberal: Uma crítica antropológica da psicologia evolucionista” em 2021, critica veementemente diversos preceitos genéticos e evolutivos.



Yorran Hardman Araújo Montenegro

Professor substituto da Universidade Estadual da Paraíba, Mestre em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutorando em Neurociência pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Autor para correspondência – yorran_montenegro@hotmail.com

Palavras-chave: genética neoliberal, Susan Mckinnon, evolução

O livro é dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo, *Mente e Cultura*, há uma crítica à ideia de que a herança genética seria interpretada pelos geneticistas e psicólogos evolucionistas como uma força condutora para comportamentos de natureza rígida, ausente de flexibilidade comportamental ou propósitos (p. 37, 45-47), impossibilitando que o próprio indivíduo tenha controle sobre suas escolhas (p. 62-63) ou sofra influências culturais (p. 67-69). No capítulo dois, *Indivíduo e Sociedade*, a autora explana visões a respeito da seleção de parentesco. No capítulo 3, *Sexo e Gênero*, há uma crítica à visão da psicologia evolutiva a respeito dos comportamentos diferenciais entre machos e fêmeas. O capítulo 4, *Ciência e Ficção*, foca em limitações de abordagens experimentais. Finalmente, no capítulo 5, *Ciência e Moralidade*, há uma crítica à responsabilidade dos psicólogos evolucionistas e geneticistas no desenvolvimento de suas teorias.

A obra de McKinnon pode ser uma importante referência unificando o debate amplo das ciências sociais, humanas e biológicas. Trabalhando a obra em sala de aula, em especial com turmas na faixa etária de 15 a 17 anos, professores de disciplinas chave como História, Filosofia, Sociologia e Biologia poderiam realizar importantes intervenções que contribuíssem para o desenvolvimento de um pensamento crítico nos alunos a respeito de métodos da ciência. Os debates poderiam abordar a teoria evolutiva, o comportamento social humano e as implicações das inferências realizadas em estudos antropológicos sobre os achados em outras culturas. Faz-se a sugestão de trabalhar, por exemplo, como os testes de paternidade, uma tecnologia es-

sencialmente biológica, podem influenciar as relações sociais de família: seria a família um construto genético, apenas, ou há outras formas de compreender essa construção? Quem é mais afetado por uma visão determinística biológica de família?

Oferecer uma perspectiva integrativa entre as diferentes disciplinas também pode lançar luz a algumas críticas importantes levantadas pela autora, em especial no que diz respeito ao comportamento humano. A genética possui um grande papel no entendimento da transmissão de informações genéticas e, dentre estas, encontram-se as informações comportamentais dos organismos vivos. No entanto, não há, dentro do campo científico, uma rigidez teórica absoluta quanto ao comportamento, sendo possível entendê-lo como um conjunto de influências ambientais em interação com as informações contidas no DNA dos organismos. Levando essa questão em consideração, o campo científico pode receber de forma benéfica a crítica da autora quanto aos usos de modelos animais, uma vez que grande parte dos trabalhos utiliza apenas modelos de animais machos, em detrimento dos modelos de animais de fêmeas – acarretando problemas interpretativos no campo de conhecimento comportamental.

A obra de Susan McKinnon oferece uma oportunidade ímpar de discutir ciência, métodos e interconectar áreas diversas do conhecimento humano, possibilitando uma troca capaz de enriquecer cognitivamente o fazer ciência em sala de aula, impactando a vida dos estudantes com a possibilidade de difusão do saber científico e promovendo uma discussão saudável sobre o que faz o comportamento humano.